

**Materialidade: forças invisíveis da atuação**

Renato Ferracini  
Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais – LUME – UNICAMP  
Programa de Pós-Graduação em Artes – UNICAMP  
Pesquisador – Doutor em Multimeios – UNICAMP  
Bolsista PQ – CNPQ  
Coordenador Projeto Temático – FAPESP

Palavras-chave: materialidade, invisibilidade, atuação, nuvem

Partamos de um princípio presente no pensamento contemporâneo: a arte do atuator ou do agente das artes performativas - seja ator, dançarino ou performer - coloca-se na área de atuação (seja ela cena, instalação, inserção, acontecimento, evento) enquanto materialidade de seu corpo. A materialidade do corpo potencializa o terreno performativo e gera nessa ação possíveis linhas de fuga das relações de representação e de modelos pré-estabelecidos. Podemos verificar essas questões nos escritos potentes do corpo pós-dramático de Lehmann, na performatividade de Feral, no “teatro energético” de Lyotard. Em outras palavras: no pensamento contemporâneo a materialidade desse corpo-em-arte-performativa de certa forma implode, explode, intensifica, fissa. Ela - a materialidade do corpo - desterritorializa os modelos, os corpos dóceis (Foucault), as doxas, as opiniões estabelecidas, as molaridades engessadas. A potência dessa materialidade não se reduz, portanto, a questões de personagem, linhas de tempo, dramaticidade, tradução emocional ou interpretativa. Atravessa a questão de uma realidade mental inteligível e também de narrativas, ilustrações e percepções organizadas. Materialidade: corpo em sua presentificação potente como intensificação poética a abrir fissuras nas forças estratificadas e gerar nessa ação fluxos libertos e abertos de força. Nesse movimento pode estabelecer campos ou platôs energéticos (Gil) ao potencializar relações em retroalimentação de um afetar e ser afetado. Esse território alimenta uma Zona de Turbulência extremamente dinâmica no espaço “entre” atuator e público no qual se intensificam os Figurais (Lyotard) e as Figuras (Deleuze). Esses, em dinâmica, geram as vibrações (sensações) que afetam, atravessam e implodem os signos - significantes e significados - a serem “lidos” em um encadeamento lógico de figurações, modelos e/ou representações. A materialidade faz o signo flutuar, pairar sobre a sensação, tornando-o instável.

Convém, então, reforçar que “a sensação é vibração” (Deleuze: 2007, 51). O campo de forças em atravessamento - esse platô vibrátil (invisível) do corpo - é justo o campo das sensações que atravessa o plano das percepções - e, portanto, o plano de síntese de consciência delas. É nesse sentido que a “[...] a obra de arte é um ser de

sensação [...]” (Deleuze e Guattari: 1992, 213) ou, o que dá no mesmo, um ser de vibração. O corpo-em-arte-performativa (em arte, em obra de arte) é, assim, um “corpo vibrátil” (Rolnik: 2006) que transborda, dilui, faz vacilar (em planos de força) o corpo perceptivo ou o corpo material em sua própria materialidade.

Resta problematizar o que seja essa “materialidade” detentora da capacidade potente de fissura e reorganização dos sentidos e instauração de sensações outras e campos de vibração.<sup>1</sup> O primeiro equívoco seria tratar a materialidade do corpo somente como o material corporal fisiológico tecnificado em ação. Essa materialidade postulada não pode ser reduzida tão somente à sua camada de organização mecânica. A ordem fisiológica, obviamente, é uma camada, uma ordem de grandeza, um território de potência dessa materialidade do corpo em arte performativa, mas obviamente não pode se reduzir a ela. Materialidade não é o material e não se reduz ao objeto. Ao mesmo tempo essa materialidade não pode estar somente vinculada a relações abstratas ou em afirmações verticais de subjetividades ou imposições de presença por parte do atuador. A materialidade do corpo também não se reduz, absolutamente, a uma suposta “materialização” de força física, adestramento técnico ou ainda em memória pessoal traduzida em “ação” ou em “emoções corporificadas”. Materialidade também não é a objetividade do pensamento, ou ainda “o músculo do pensamento”, ou mesmo o pensamento traduzido em ação. A materialidade postulada por esse pensamento contemporâneo, portanto, não se reduz nem ao objeto, nem a tradução subjetiva seja ela de qualquer ordem. Ela os atravessa, os intensifica e os desconstrói.

A materialidade potencialmente poética do corpo talvez tenha como premissa o seu atravessamento por forças e potências que não se reduzem nem a seu aspecto fisiológico-mecânico e nem a seu aspecto abstrato subjetivo com sua horda de significações, traduções, ilustrações, modelos e “euzinhos sobrepairantes”.<sup>2</sup> O corpo, portanto, é um subjétil (nem sujeito, nem objeto, mas sujeito e objeto) atravessado por forças potentes e invisíveis, sejam elas de ordem molar (social, cultural, histórica, econômica) ou de ordem física (o tempo enquanto força de memória, espaço enquanto força de volume ou o tecido espaço-tempo enquanto força de texturização que produz o peso, a fluidez, as dinâmicas). Também é atravessado por forças singulares/coletivas que detonam processos de subjetivação, ou ainda, forças vitais que produzem vontades (não de “euzinhos”, mas de potência - Nietzsche) e desejos (não de faltas, mas de produção -

---

<sup>1</sup> Aqui me ateno apenas à materialidade do corpo como foco dessa reflexão e não da cena e seus elementos, apesar de cada um deles poder ser considerado um “corpo” específico.

<sup>2</sup> “Esse fundo, essa unidade rítmica dos sentidos, só pode ser descoberta ultrapassando-se o organismo.” (Deleuze: 2007, 51).

Deleuze). Forças vitais essas potencializadoras de linhas de fuga, reorganizações, desorganizações, desterritorializações, desautomatizações e revetorizações do mapa corpóreo. É nesse sentido que o corpo-sem-órgãos (CSO) - enquanto processo - atua e ao mesmo tempo deixa-se atuar justamente nessas forças positivas de desterritório e não na impossível desorganização fisiológica de órgãos molares. Chamar essas forças de campos ou platôs de energia que transbordam e/ou atravessam o corpo fisiológico e material pode fazer bastante sentido. O corpo, portanto, é um mapa, um campo de forças em atravessamento dinâmico.

As forças, por princípio, são relacionais. Assim, o mapa corpóreo de forças somente pode ser potencializado na relação com outro mapa corpóreo de forças. O corpo material - transbordado e atravessado por forças - somente se potencializa e se intensifica na relação com o outro e por ser esse mapa de invisibilidades não pode mais ser definido por sua subjetividade individualizante, mas pelo grau de potência que ele produz enquanto mapa de forças em relação de alteridade; alteridade essa a ser potencializa no encontro com o outro ou no encontro com o redimensionamento de suas próprias forças. E “o que é esse grau de potência? É um certo poder de afetar e ser afetado<sup>3</sup>. [...] Mas jamais sabemos de antemão qual é nossa potência, de que afetos somos capazes. É sempre um questão de experimentação” (Pelbart: 2008, 33 – grifo meu). Ou ainda:

Não sabemos nada de um corpo enquanto não sabemos o que pode ele, isto é, quais são seus afetos, como eles podem ou não compor-se com outros afetos, com os afetos de um outro corpo, seja para destruí-lo ou para ser destruído por ele, seja para trocar com esse outro corpo ações e paixões, seja para compor com ele um corpo mais potente. (Deleuze e Guattari: 1997, 43).

É dessa forma que o corpo contemporâneo somente pode ser experimentado na potência de um encontro que produza diferenças: diferenças do/no encontro; diferenças no/do corpo enquanto reestruturação de seu mapa de forças. Atuar enquanto materialidade do corpo é mergulhar o próprio material corporal (enquanto ossos, nervos, músculos mas também enquanto ritmo, dinâmica na textura tempo-espaço) nesse platô de invisibilidades, nesse fluxo “energético” e fazer potencializar aí fluxos de forças estancadas ou mesmo fazer criar aí outros fluxos e novas linhas nas quais velhas forças possam encontrar canais de escoamento. Importante dizer que essas forças “escapam” na própria matéria mergulhada nesse plano. A invisibilidade (das forças) flui, navega e se materializa na macro-visibilidade (do corpo material). A materialidade do corpo-em-arte-perfomática

---

<sup>3</sup> “[...] o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu.” (Deleuze e Guattari: 1997, 21)

faz vazar e concretiza forças no/do próprio corpo material na experiência do encontro. Materialidade enquanto explosão de potência e fluxo de forças no encontro e jamais somente como exposição material corporal na imposição de uma tradução subjetiva.

Estar em materialidade presente é estar em estado de criação – portanto em estado de geração de diferença (de si, do outro e da própria zona de turbulência gerada pela relação diferencial si-outro). E para manter-se nesse estado é necessária a contínua experimentação da “apresentação” e da “escuta” desses campos de força em atravessamento. Um deixar-se afetar para ação e não somente a realização mecânica da ação *per se*.

A criação é este impulso que responde a necessidade de inventar uma forma de expressão para aquilo que o corpo escuta da realidade enquanto campo de forças. Absorvida no corpo como sensações, tais forças acabam por pressioná-lo para que as incorpore e as exteriorize. As formas assim criadas [...] são *secreções* do corpo. Mais precisamente elas são secreções de suas micropercepções. Elas interferem no entorno na medida em que fazem surgir possíveis até então insuspeitáveis. É nestas circunstâncias que tais formas se fazem “acontecimentos”. (Rolnik: 2006, 1).

É nesse ponto que podemos falar de uma materialidade que potencializa “formas de uma força” ou “formas invisíveis” (Gil: 1996, 54). Essas formas, longe de serem abstratas, são as atualizações das forças em “secreções de corpo”. O conjunto – em zona de turbulência instável - dessas “formas” em potência e em intensidade gera o que Gil chama de nuvem: “concreção movente e móvel, submetida a transformações imperceptíveis; assim como o sentido apreendido nos gestos do bailarino, a forma de nuvem é geralmente instável e efêmera (Gil: 2004, 99).

Aqui adentramos em um terreno fértil de pensamento. A experiência (estética) não como organização de percepções conscientes de uma obra ou um corpo-em-arte-performativa, mas como fluxo de micropercepções em nuvens efêmeras que são apreendidas pela sensação em afeto. A materialidade elogiada da contemporaneidade se territorializa na intensificação de seu próprio material e no deixar-se afetar pelos planos de vibração de sua diferença recriada para gerar experiências de fluxos de formas de força que essa mesma materialidade faz secretar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, GILLES. *Lógica da Sensação*. Equipe de Tradução: Roberto Machado (coordenação). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007

DELEUZE, GILLES e GUATTARI, FELIX. *O que é Filosofia*. Trad. Bento Prado Jr e Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* Volume 4. Trad: Sueli Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.

GIL, JOSE. *A Imagem-Nua e as Pequenas Percepções*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1996.

\_\_\_\_\_. *Movimento Total*. O corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.

ROLNIK, SUELI (Org.). *Uma terapeuta para tempos desprovidos de poesia*. Lygia Clark, da obra ao acontecimento. Somos o molde, a você cabe o sopro. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2006.

PELBART, PETER PÁL. *Elementos para uma cartografia da grupalidade*. In *Próximo Ato: Questões da Teatralidade Contemporânea*. Organização Fátima Saadi e Silvana Garcia. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.